

# A EMPIRIA DA PESQUISA: FATO OBSERVÁVEL OU FATO TEORIZADO? UMA PROPOSIÇÃO MARXISTA À PESQUISA EM EDUCAÇÃO. <sup>1</sup>

Alexandre Augusto e Souza<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## RESUMO

Este estudo tem como objeto a metodologia em uma perspectiva marxista. O objetivo do estudo é apresentar, a partir das contribuições do marxismo, uma proposição ao trabalho metodológico em pesquisa em educação, especificamente sobre a representação empírica no âmbito metodológico. Este estudo fez-se pelo argumento de que o trabalho teórico, teórico-metodológico, é amplamente debatido no processo de construção do conhecimento científico, ao contrário da representação empírica, onde encontramos poucos referenciais e debates em metodologia. Na pesquisa em educação, amparada na realidade social, o fato observável possui ampla aceitação à composição da empiria de uma pesquisa, conferindo o afastamento científico à produção de pesquisas. Este estudo parte do entendimento de que o trabalho empírico, representação metodológica, é constituído teoricamente. A empiria, nesta pesquisa, é composta por escritos com potencial discussão metodológica em Karl Marx (1977), Friedrich Engels (2000) e Florestan Fernandes (1972), relacionados ao trabalho empírico-metodológico, em uma pesquisa científica. A análise considera, para o debate metodológico, a qualificação empírica no processo metodológico, ou seja, na produção do conhecimento científico. Destaca-se, no debate proposto, a contribuição original do marxismo sobre o trabalho científico, considerando, especialmente em Fernandes (1972), a exposição sobre os graus de aproximação empírica e sobre as instâncias empíricas, à sua constituição.

Palavras-chave: marxismo; metodologia; empiria; pesquisa em educação.

---

<sup>1</sup> Este estudo teve o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj)

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

THE EMPIRICISM OF RESEARCH: OBSERVABLE FACT OR THEORIZED  
FACT? A MARXIST PROPOSAL FOR RESEARCH IN EDUCATION.

ABSTRACT

This study focuses on methodology from a Marxist perspective. The objective of the study is to present, based on the contributions of Marxism, a proposal for methodological work in educational research, specifically on empirical representation in the methodological context. This study was conducted based on the argument that theoretical, theoretical-methodological work is widely debated in the process of constructing scientific knowledge, unlike empirical representation, where we find few references and debates in methodology. In educational research, supported by social reality, the observable fact is widely accepted as the composition of the empiricism of a research, granting scientific distance to the production of research. This study is based on the understanding that empirical work, methodological representation, is theoretically constituted. Empiricism, in this research, is composed of writings with potential methodological discussion in Karl Marx (1977), Friedrich Engels (2000) and Florestan Fernandes (1972), related to empirical-methodological work in scientific research. The analysis considers, for the methodological debate, the empirical qualification in the methodological process, that is, in the production of scientific knowledge. The proposed debate highlights the original contribution of Marxism on scientific work, considering, especially in Fernandes (1972), the exposition on the degrees of empirical approximation and on the empirical instances, to its constitution.

Keywords: Marxism; methodology; empirical work; research in education.

## **Apresentação**

Este é um estudo que tem a metodologia como objeto em uma perspectiva marxista. Este estudo insere-se em uma pesquisa sobre a questão metodológica em pesquisa em educação e tem como foco a perspectiva do trabalho empírico através do marxismo, uma contribuição para o trabalho científico. Desde Karl Marx e Friedrich Engels, na segunda metade do século XIX e chegando ao Brasil de Florestan Fernandes, na década de 1940, o marxismo tem se destacado pelas suas contribuições à ciência. Desde Marx, o marxismo considera a ciência uma prática revolucionária, por meio do acesso e estudo sobre a realidade científica, acesso teorizado, em oposição à produção do conhecimento a partir e sob a realidade observável. Segundo Engels (2000, p.147), desde o rompimento com o velho mundo “Foi essa a maior revolução que até então havia experimentado a Terra.”

Marx (1977), Engels (2000) e Fernandes (1972) contribuíram quanto o acesso e o estudo da realidade científica, sobre a constituição empírica de um estudo científico. Faço o destaque às contribuições originais de Fernandes (1972), sobre a construção empírica em uma pesquisa científica. É comum, em pesquisas em educação, a empiria ser constituída a partir da observação direta da realidade social, o que põe em questão a possibilidade de compreensão e transformação da realidade problematizada, considerando a constituição metodológica e especificamente empírica, trabalhada nessas pesquisas.

É importante destacar a diferenciação, neste estudo, entre método e metodologia, na apresentação. Ambos os conceitos são de domínio da ciência. Entende-se por método, a diferenciação constituída, especialmente nos séculos XIV e XV, de um modo de pensamento que se distinguia do pensamento filosófico e do pensamento espiritual e que se tornaria predominante, a partir do século XIX, para exposição e justificação dos acontecimentos naturais e sociais. O método não é um conjunto de normas à produção científica, mas caracterizações que comporiam um pensamento verificável e validável e, que, assim, não se justificaria através da pura subjetivação e nem de uma essência observável ou um ato de fé.

Com a predominância do método como constituinte do trabalho científico, no século XIX, a partir do trabalho teórico como perscrutação do real científico, a ciência se sedimentava como meio preferencial para explicação dos acontecimentos naturais e sociais. A realidade científica passa a ser composta por representações teorizadas do real

científico, ou seja, representações constituídas teoricamente, pelas incursões ao real científico, como representação científica. Sob o exame dessa realidade, científica, constituída teoricamente, foi possível desenvolver um trabalho à sua perscrutação, ou seja, o trabalho metodológico, ou seja, um trabalho investigativo à realidade científica. A representação do trabalho metodológico é constituída, neste estudo, pela teoria, pela empiria e pela análise. São esses, os três aspectos comuns e pertencentes ao planejamento de toda pesquisa científica.

Nesse contexto, Karl Marx constitui um modo de compreender o acesso à realidade social, sem que o ponto de partida fosse a realidade direta ou observável ou o próprio pensamento, mas a realidade constituída abstratamente, através do acesso teórico à ela. A formulação de Marx (1977) é que a realidade, em uma concepção científica, existe, pode ser mensurada, se transforma e independe de nossa vontade para existir ou promover transformações. A compreensão da realidade científica se torna possível por seu acesso teórico. A contribuição metodológica de Marx (1977) é, também, ponto chave para a formulação metodológica marxista à construção do conhecimento científico. No entendimento deste estudo, Marx não escreveu sobre metodologia, pois não havia esse termo presente e sedimentado no âmbito do trabalho científico à época. A contribuição de Marx e Engels para o trabalho científico foi fundamental para o que conhecemos hoje como metodologia.

As formulações para o trabalho científico, por Karl Marx, foram estimuladas pelas exposições sobre o contexto de superexploração da mão-de-obra assalariada, tornada predominante em quase todos os centros urbanos da Europa, pelos intelectuais burgueses. Essa superexploração foi possibilitada a partir do desenvolvimento dos meios de produção material, graças à introdução de outras fontes de energia intensivas e do processo de mecanização em série. Além de um processo de ampliação exponencial da riqueza, esta se tornava cada vez mais concentrada nas mãos de uma classe social, a burguesia, detentora dos meios de produção.

A justificativa de tal contradição foi possível graças a cooptação de intelectuais pela burguesia e a sua correspondente fundamentação da realidade a partir de seus interesses. Tais formulações foram constituídas pelo pensamento em si e sua validação ocorria a partir da perspectivação tomada da realidade observável, com referência a este pensamento autônomo, sem considerar a realidade exterior e independente do pensamento. Só assim seria possível justificar tal estado de coisas, tal contradição,

atendendo os interesses de uma classe. Para Karl Marx era impossível atestar tamanha problemática sem uma reação teórica e, portanto revolucionária.

### **A empiria em uma proposição metodológica marxista**

Florestan Fernandes (1972), em seu livro “Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica” e, especificamente, o escrito, “A reconstrução da realidade nas ciências sociais”, nos fornece uma contribuição para o estudo metodológico, a partir de uma proposição sobre a constituição teórica da empiria. Cientista e estudioso dos textos de Karl Marx, Fernandes publicou, em 1946, a primeira tradução, no Brasil (Cardoso, 1996), do manuscrito “Contribuição à Crítica da Economia Política”. Neste manuscrito, Marx expõe sua proposição ao estudo dos meios de produção, o “Método da economia política”. Neste estudo, Marx (1977) contribui para o trabalho científico e especificamente metodológico, distinguindo-o dos estudos até então realizados por economistas burgueses.

De acordo com Florestan, o conhecimento científico explicativo pode ser em si mesmo revolucionário se, ultrapassando e contrariando o senso comum e as representações dominantes, for capaz de atingir os nexos profundos, determinações da realidade, que regulem a ocorrência dos fenômenos característicos das questões cruciais socialmente. (Cardoso, 1996, p.93)

Seguindo os passos de Marx (1977), Fernandes (1972) expõe um pensamento distinto sobre a empiria no trabalho científico. A perspectiva marxista em Fernandes (1972), sobre a empiria no trabalho científico, difere da perspectiva filosófica. Fernandes destaca que a constituição de uma empiria não se dá de forma imediata, ou seja, o trabalho empírico não se constitui do acesso imediato do cientista à realidade observada ou subjetivada sobre si mesma. Até aí, nenhuma grande novidade, pois Marx constitui os elementos básicos dessa formulação, no manuscrito “Método da Economia Política”, na segunda metade do século XIX. Segundo Marx (1977),

O concreto só é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso que ele é para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. O primeiro passo reduziu a plenitude da representação a uma determinação abstrata; pelo

segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento (Marx, 1977, p.229)

E, ainda, segundo Fernandes (1972):

A realidade não é susceptível de apreensão imediata, e sua reprodução, para os fins da investigação científica, exige o concurso de atividades intelectuais deveras complexas. Essas atividades são naturalmente reguladas por normas de trabalho fornecidas pela própria ciência. Quando desenvolvidas com propriedade, elas conduzem a um conhecimento objetivo da realidade no qual esta é reproduzida, segundo **graus de aproximação empírica** que variam com a natureza e os propósitos das investigações, nos seus aspectos essenciais. Isso significa que a descrição e a explicação científicas da realidade repousam, fundamentalmente, em certas operações elementares, através das quais as **instâncias empíricas**, que reproduzem os aspectos essenciais dos fatos ou fenômenos investigados, são obtidas, selecionadas e coligidas em totalidades coerentes. (Fernandes, 1972, p. 3. Grifos meus.)

A citação em destaque é a síntese, no entendimento, neste estudo, da contribuição metodológica original de Florestan Fernandes, especificamente sobre a construção empírica da pesquisa científica, uma contribuição marxista à perscrutação da realidade científica. No conjunto das afirmações de Fernandes (1972) há a menção, já conhecida, de que a realidade não pode ser imediatamente apreendida, ou seja, a realidade somente pode ser acessada por atividades reguladas, por normas do trabalho fornecidas pela própria ciência, ou seja, realidade constituída teoricamente, no trabalho científico. Adiante, o que mais interessa em Fernandes é sua contribuição original, sobre a produção do conhecimento científico, na constituição do trabalho empírico, no que ele denomina de “graus de aproximação empírica” e de “instâncias empíricas”.

Do que se tratam “os graus de aproximação empírica” e as “instâncias empíricas” em Florestan Fernandes? Uma formulação liga-se à outra. Conforme já mencionado, o marxismo afirma a possibilidade de compreensão da realidade, mas essa compreensão não é conduzida pelo pensamento em si e, menos ainda, à observação em sua imediaticidade, sujeita à limitação dos sentidos do observador. Nessa assertiva é que pode-se mencionar o que Fernandes (1972) formula como “graus de aproximação” sobre a empiria de uma pesquisa científica, em se tratando da construção empírica e sua constituição teórica.

O estudo e a compreensão de uma realidade dá-se teoricamente, sob uma realidade teorizada, mais desenvolvida, realidade constituída por representações, ou seja,

abstrações da atuação teórica, feita realidade científica, no acesso ao real científico. Este é o primeiro grau de aproximação empírica, ou seja, da realidade científica ao real científico, através das representações científicas, constituintes da realidade científica. De posse de um objeto, delimitação da realidade científica, é possível e viável, o acesso teórico, do objeto, sob o real, real como representação científica. Com a perscrutação do real, real teorizado, buscam-se os determinantes que fazem o objeto em estudo, objeto teorizado, da realidade científica mais desenvolvida. O objeto científico se distingue da observação e da subjetivação em si. O segundo grau de aproximação empírica é o retorno do acesso do real científico à realidade científica, através do objeto teoricamente diferente do objeto anteriormente do qual se partiu, da realidade científica, realidade teorizada, considerando as representações científicas acionadas e desenvolvidas no acesso ao real científico.

Trata-se de um movimento metodológico, ou seja, de partida de um estado mais desenvolvido aos seus determinantes e o seu retorno a um estado diferente do qual se partiu. Esse é um duplo movimento metodológico, de abstração, ou seja, de perscrutação da realidade científica, através do trabalho teórico. Esse movimento metodológico, do trabalho empírico, constitui uma representação do trabalho metodológico, da pesquisa científica. Através do trabalho empírico é possível, conjuntamente com o trabalho teórico e o trabalho analítico, constituir o movimento de construção do conhecimento científico.

E o que são as “instâncias empíricas” de Florestan Fernandes? Dito anteriormente, os “graus de aproximação” e as “instâncias empíricas” são características do trabalho empírico em uma pesquisa científica e estão relacionados. Os “graus de aproximação” correspondem à trajetória metodológica do trabalho empírico, na pesquisa científica. “Graus de aproximação” e “instâncias empíricas” fazem parte do mesmo trabalho constituído pelo cientista, para a construção do conhecimento científico, ou seja, realidade teorizada, na forma de representação científica, feita na incursão ao real teorizado e seu retorno, cuja teorização é diferente da qual partiu-se inicialmente. Cabe o destaque de que este estudo considera a empiria uma representação metodológica, e, portanto, uma representação científica e não filosófica.

As instâncias empíricas são dimensões que o cientista acessa, na perscrutação do que existe, lhe é exterior ao pensamento e transforma-se independentemente de sua vontade. Essas dimensões são constituídas teoricamente, não existem em si mesmas, mas o que ela perscruta, sim, existe. A primeira instância empírica do trabalho científico é a realidade científica. A segunda instância empírica refere-se ao real teorizado, acessado

cientificamente, através das representações científicas, constituintes da realidade científica. A terceira instância empírica é a realidade científica, não mais a mesma realidade científica na qual se partiu, não sendo o mesmo conhecimento, mas um conhecimento elaborado sobre outro conhecimento. Destaco, novamente, que a empiria, neste estudo, é uma representação metodológica do trabalho científico. Desse modo, a empiria é uma representação feita teoria, pois sofre uma ação teórica. Não cabe a associação empírica à realidade observável, realidade feita social, nesta fundamentação.

Compreender os acontecimentos à nossa volta nos dá a sensação de controle sobre os fatos recorrentes. Essa é uma falsa assertiva que se possa ter da realidade científica e incorre no problema da perspectiva de que temos sobre a realidade e por último, de que a realidade pode ser compreendida à luz dos fatos presenciados. Tomada pelos sentidos e sua percepção, a realidade se constitui como parâmetro de nossas condutas e crenças diárias. Nesse sentido, a realidade tem a sua aparência como referência à sua compreensão. Nosso modo de viver tem se fundamentado nessa perspectiva. Afinal, como posso dar como realidade aquilo que não vejo? Mas, ao mesmo tempo, o que vejo, presencialmente, não pode ser compreendido pois, a todo momento uma nova perspectiva se refaz diante dos nossos olhos e, assim, a realidade é percebida de forma caótica.

Respostas a esses infortúnios, do dia a dia, têm sido propostas de forma que o caminho trilhado tem sempre a realidade imediata ou observável, início do processo de sua perscrutação, sendo comumente verificável em pesquisas em educação. A proposição marxista, em oposição à compreensão da realidade a partir dela mesma, enquanto imediata, observável ou percebida, se baseia no conhecimento científico e a ele tem se distinguido em sua formulação, diferentemente de uma perspectiva empiricista ou idealista presente na ciência, em sua matriz filosófica.

A partir de Karl Marx e Friedrich Engels (1974)<sup>3</sup>, em “A Ideologia Alemã”, posteriormente em Marx (1977), em “Contribuição para a Crítica da Economia Política” e em Engels (2000), com a “Dialética da natureza” entende-se, neste estudo, que foram dados os primeiros passos, ou seja, diretrizes fundamentais para o trabalho científico, distinto das formulações amplamente circuladas sobre o estudo da realidade, especialmente na sua matriz filosófica. São indicações metodológicas à investigação da realidade social. Exposições e diretrizes que diferenciam-se das proposições empiristas e idealistas e que muito foram utilizadas, no âmbito da própria ciência, por seus

---

<sup>3</sup> Marx, K; Engels, F. (1974). A ideologia alemã. (vol. 1). Lisboa, Por: Editorial Presença.

antecessores e cientistas de sua época, para justificação da realidade tal qual se apresentava, bem como às condições de sua verificação.

Na apresentação deste estudo, realizei uma breve diferenciação entre método e metodologia, fundamental para o transcorrer inicial dessa exposição. Agora, neste momento da exposição, parece-me importante, uma breve distinção entre real e realidade. Essas breves distinções tem o objetivo de marcar a utilização desses termos enquanto representações científicas e não filosóficas. O real, para a concepção marxista, e não muito diferente do entendimento científico, é tudo aquilo que existe, ou seja, pode ser verificável, se transforma, independentemente de nós conhecermos ou não, independente de nossa vontade ou não. Em nada tem de determinista esta afirmação, pois não adivinhamos se algo irá acontecer e de que forma irá acontecer. Já a realidade, realidade científica, é constituída teoricamente, a partir da inserção do cientista sob o real teorizado e representado cientificamente que, em sequência, tornará a realidade científica, teoricamente, mais desenvolvida.

Essa demarcação é importante, pois, na tradição marxista, é comum a divisão entre ciência marxista e filosofia marxista e, não me parece, visto Friedrich Engels (2000), em “Dialética da Natureza”, que essa distinção tenha algum sentido. Engels (2000), traz sua contribuição original para o estudo da ciência, especialmente para o trabalho teórico e, com isso, uma frutífera herança para posteriores estudos metodológicos. Ao contrário do que se tem sedimentado no marxismo, “Dialética da Natureza”, não é, para este estudo, um ensaio ou trabalho filosófico de Engels para com a ciência. Corroborando com John Haldane (2000, p. 7), biólogo escocês, a quem coube o prefácio, no original, da publicação póstuma do manuscrito “Dialética da Natureza”, “O marxismo tem, com a ciência, uma dupla conexão. [...]. Isso quer dizer que a mesma pode ser aplicada não somente aos problemas da ciência pura, como também às relações sociais da ciência”.

Friedrich Engels (2000) buscou compreender o movimento do real cientificamente, ou seja, constituiu um modo de compreender as transformações do real, feito teoria. Engels buscou constituir, nos estudos sobre energia e calor, representações científicas, e não do senso em comum, sobre a existência e a transformação dessa existência, exterior e independente do pensamento. Não se tratava de um pensamento filosófico e, sim, científico e não se tratava da natureza, em si, mas da natureza das coisas existentes. Segundo Engels (2000, p. 34. Grifo Meu.), sua formulação refere-se à “Desenvolver a natureza geral da dialética como *ciência das relações*, em contraste com a metafísica.”

A contribuição original de Engels (2000) refere-se à adição de mais uma ‘camada’ à construção do trabalho teórico. Essa ‘camada’ vai além da compreensão do real científico constituído, vinculativo e mutável. Engels teorizou sobre a tríade dessa construção teórica e propôs o aspecto relacional à essa tríade. O que foi proposto foi a interação entre os constituintes do trabalho teórico, no momento do seu acesso ao real teorizado. Essa relacionalidade foi denominada por Engels de leis da dialética, na perspectiva científica e não filosófica de Hegel. Trata-se da dependência e simultânea repelência entre os constituintes do real, da dupla e simultânea transformação do real em sua composição e capacidades, bem como à condição do real em luta contra sua estabilidade constitutiva. Essas leis são relacionais e afirmam a característica de dependência e ao mesmo tempo de repelência do que existe. São abstrações da ação teórica sob o real científico, de modo relacional.

A realidade é, na perspectiva marxista, produto do conhecimento e não a origem do conhecimento ou um conhecimento pronto e esclarecido. Há uma diferença fundamental nessa afirmação. Se na perspectiva do senso em comum, a realidade ou o observável faz-se presente como é, então o sol é um círculo amarelo, que produz calor. Nada mais absurdo que isso. O sol não é uma esfera perfeita, portanto, não é um círculo e nem é amarelo, apenas conseguimos observar, a olho nú, certos comprimentos de onda, por isso, essa perspectiva do que denominamos de ‘amarelo’ do sol. O sol não tem a função de emitir calor, o sol emite ondas de diversas frequências e promove, dentre outras coisas, na interação dessas ondas com a matéria, a geração do calor, que é a capacidade de atrito entre partículas subatômicas. Veja quantas representações científicas, realidade científica, feitas teoricamente, foram utilizadas para essa simples explicação.

Assim, a realidade observada por Marx e Engels, a partir do desenvolvimento científico da época e a contribuição original de Fernandes, proporcionou o entendimento de que a realidade é uma constituição teórica e quem a realiza é a ciência, detentora deste conhecimento. Essa formulação está condizente com um período, século XIX, em que a ciência avançava sob a dimensão microscópica da célula e do átomo, o conhecimento da constituição de novas formas da matéria e de transformação dos meios de produção material, passando do vapor para a eletrificação. No estágio de transformação da realidade científica e das possibilidades abertas com o trabalho teórico sobre o real, real teorizado, tornou-se insustentável tomar a realidade por si mesma como origem do processo de conhecimento.

Metodologicamente, a perspectiva de que a realidade não pode ser tomada como observável, possibilitou a indagação sobre a constituição do seu conhecimento e, assim, a necessidade de sua construção teórica, a partir da realidade científica mais desenvolvida. Nenhuma asserção sobre a realidade se constitui, então, sob ela mesma, o que significa a necessidade de sua construção, o trabalho empírico, ação metodológica.

Não se toma como valor científico ou empírico, por exemplo, o estudo sobre a escola, uma fotografia ou a política curricular. Esses são aspectos observáveis de uma realidade, independentemente de serem sensíveis aos sentidos ou não. O observável não é constituído apenas pelo que enxergamos ou tocamos, mas, também sob o que subjetivamos. A escola, a fotografia ou a política curricular devem ser investigadas teoricamente e, assim, se chegar às determinações que as fazem como são, nas condições em que se apresentam. É uma tarefa teórica, e toda tarefa teórica, segundo Engels (2000), pode ser revolucionária. A ciência e as contribuições metodológicas do marxismo à sua constituição, nos servem de anteparo para aqueles que desejam uma realidade manipulável, distinta da possibilidade de seu acesso e sua compreensão. Fora da ciência, a realidade como observamos é caótica.

## **Conclusões**

Defendo o entendimento de que a empiria, representação metodológica, constituída na e para a realidade científica, é parte do trabalho de uma pesquisa científica. Todo trabalho científico possui uma empiria, ou seja, nenhuma pesquisa científica é realizada sem que outras investigações tenham sido realizadas anteriormente, sem que sob elas haja uma ação teórica à sua constituição. Mesmo quando o cientista afirma que sua pesquisa é teórica ele está afirmando que o seu estudo está focado no desenvolvimento teórico de um objeto. O estudo teórico, por sua vez, não nasceu puramente da cabeça do cientista, ele foi constituído, a partir de estudos similares, à produção do seu trabalho, no acesso ao real científico.

É sabido que Karl Marx e Friedrich Engels não dedicaram seus esforços, prioritariamente, para desenvolver um método ou traçar metodologicamente uma investigação sobre a realidade científica. As contribuições ao trabalho investigativo da realidade científica, por Marx e Engels, contribuição para o desenvolvimento do trabalho científico, foram desenvolvidos nos esforços de ambos, para compreenderem e denunciarem uma forma de explicação e de justificação de apropriação da riqueza

material e simbólica, no processo de expropriação da força de trabalho coletiva, por meio da classe burguesa.

Pela via expositiva de economistas que serviam a justificação desse estado de coisas, Marx e Engels, não satisfeitos com as explicações correntes à sua época, pelo contrário, buscaram um meio próprio, de compreender e difundir, o por quê e como esse estado de coisas se mantinham, apesar de sua flagrante e insustentável condição à sua manutenção. Assim, Marx (1977), Engels (2000) e Fernandes (1972) contribuíram originalmente para a ciência e a constituição metodológica, ou seja, para o processo de trabalho científico.

Ambos compreendiam que a realidade, como estado de coisas aparente, não forneceria as respostas de que tanto buscavam. Que as relações que se mantinham entre os homens, enquanto classes sociais, no processo de produção material, abrangiam as condições as quais conformavam e perpetuavam essas mesmas relações. Era necessária a busca por seus determinantes.

Esse é o ponto em debate sobre a diferença entre fato observável e fato teorizado. Marx (1977) menciona a necessidade de não se ater à realidade tal como aparenta e que a sua compreensão se dá pela investigação dos determinantes que a faz como observável seja. O fato observável enquanto constituinte do trabalho científico limita a proposição de uma realidade com determinantes à sua condição. Essa mesma realidade será investigada a partir das limitações que sua observação proporciona, ou seja, um estado aparente de coisas, de modo fragmentado e de sucessivos fatos não correlacionados.

Não há como compreender uma realidade se apenas essa se encontra no campo da visão/percepção. Nem mesmo a percepção que se tem desse campo de visão, da realidade imediata, será suficiente para constituir um caminho satisfatório à sua compreensão. Não basta correlacionar o que se aparenta familiar e descartar o que se percebe como intercorrente para se afirmar a possibilidade de sua explicação. Também, de nada adianta instituir uma teorização sobre os fatos observados pois não se pode construir um caminho sob o que não se sabe por onde caminhar. A realidade observável, fato observável, é uma encruzilhada sem placas, onde todos os caminhos se tornam parecidos.

De nada serve a presença de uma teoria, se a empiria constituída, não teve sob ela uma teorização prévia, antes à sua constituição. Assim, um professor não é apenas um professor, uma sala de aula não é apenas uma sala de aula. A produção do professor e da sala de aula é que importa, seus determinantes, ou seja, aquilo que os fazem como aparentam e o condicionam a ser como são ao longo do tempo, não a partir de sua

aparência. Toda a construção metodológica da pesquisa fica em suspenso, pois não é possível a incursão sob uma realidade sem que se faça teórica.

A área da educação, ou parte dela, inspirada em uma proposição político-filosófica à sua perscrutação, inverte a possibilidade de acesso e construção do conhecimento. É comum, na constituição das pesquisas em educação, a empiria ser acessada de imediato, seja pela observação, seja pela percepção dos acontecimentos, através da individuação ou seleção de conjunto de fatos relacionados. Na perspectiva florestaniana, o trabalho empírico é constituído por uma ação teórica à sua seleção, pois não se forma uma ‘documentação’ de pesquisa sem que se saiba onde buscar, o que buscar e de que forma intervir sobre a correspondente ‘documentação’ de pesquisa a ser constituída. Era como Fernandes costumava chamar a empiria de uma pesquisa científica.

Há consequências metodológicas no modo de acesso à realidade. Considerando que a realidade não é condutora de sua própria explicação e que o seu acesso se dá pela teorização disponível sobre ela mesma, nos dirigimos à adoção do fato teorizado como caminho para o trabalho empírico, à construção da pesquisa científica. O fato teorizado é a investigação que se dá sob os determinantes que o constituem e o fazem à condição que se apresentam aos sentidos. Mas o trabalho metodológico e, no caso, o trabalho empírico não ocorrem através ou no fato em si. O fato teorizado é a perscrutação do fato sem a presença do fato em si no processo de investigação, sem as marcas da realidade observável e imediata.

O acesso ao fato teorizado e sua perscrutação se dá pelo objeto constituído das representações científicas, desenvolvido no âmbito do trabalho científico, realidade científica. Um respectivo objeto, delimitação da realidade científica, é formado pela síntese de pesquisas similares, ou seja, estudos com problematizações similares, sob um aspecto da realidade científica. Realidade científica constituída por um real acessível teoricamente. O real somente é acessível teoricamente pois, é uma representação científica do que nos é exterior, existe e se transforma independentemente de nossa vontade. O real, representação científica e não filosófica, é inacessível à observação e refere-se, especificamente, aos determinantes que constituem algo e o fazem como é em seu estado observável, mas não é o estado observável, em si, da realidade, que interessa à ciência. Por isso, o acesso do real dá-se teoricamente, ou seja, sob a abstração mais desenvolvida de sua representação, feita representação científica.

As proposições de Marx (1977), Engels (2000) e Fernandes (1972) foram originais em dar fundamento ao trabalho metodológico como hoje conhecemos, mesmo

que não fosse essa intenção principal dos escritos desses estudiosos, esses contribuíram para que outros cientistas pudessem dar um passo adiante em sua proposição ao trabalho empírico, na constituição do trabalho científico. Tais formulações contribuíram para que pesquisadores marxistas, na área da educação, constituíssem problemáticas a partir de uma visão classista, de expropriação da força coletiva de uma classe, orientados pela perscrutação da realidade pela via teórica, enquanto via revolucionária de transformação da realidade.

## **Referências**

- Cardoso, M. L.. (1996). Florestan Fernandes: a criação de uma problemática. *Estudos Avançados*, 10(26), 89–128. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141996000100014>
- Engels, F.. (2000). *A Dialética da Natureza*. (6 ed.). São Paulo, SP: Editora Paz e Terra.
- Fernandes, F.. (1972). A reconstrução da realidade nas ciências sociais. In: *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. (pp.1-40). São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.
- Marx, K..(1977). Método da economia política. In: *Contribuição para a crítica da economia política*. (pp. 228-236). Lisboa, Por: Editorial Estampa.